

**A PSICODINÂMICA DO TRABALHO COM PROFESSORES DE ENSINO
SUPERIOR PÚBLICO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2012 A 2022****THE PSYCHODYNAMICS OF WORK WITH PUBLIC HIGHER EDUCATION
PROFESSORS IN BRAZIL FROM 2012 TO 2022****LA PSICODINÁMICA DEL TRABAJO CON PROFESORES DE EDUCACIÓN
SUPERIOR PÚBLICA EN BRASIL DE 2012 A 2022**

Bárbara Ribeiro de Carvalho¹

Maria Luiza Gava Schmidt²

RESUMO:

A Psicodinâmica do Trabalho (PDT) refere-se a uma abordagem teórico-metodológica fundamentada na teoria psicanalítica, desenvolvida, principalmente, na década de 1980 por Dejours. A abordagem analisa e tece reflexões e intervenções sobre “as consequências do trabalho na saúde mental dos trabalhadores, nomeadamente no prazer que suscita ou no sofrimento que produz” (Areosa, 2021, p. 321). O objetivo geral deste artigo consiste em agrupar os resultados de uma pesquisa bibliográfica, realizada na base de dados SciELO, sobre a utilização da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil com professores de Ensino Superior Público, no período de 2012 a 2022, com termos de busca nos idiomas português e inglês. Foram encontrados 347 artigos, dos quais 6 foram selecionados e classificados nas seguintes categorias: (1) vivências de prazer e sofrimento de professores no contexto laboral; (2) intensificação e sobrecarga no trabalho docente e; (3) diferenças entre o trabalho prescrito e o trabalho real e as estratégias de mobilização subjetiva. Consideramos que os resultados dos artigos selecionados e analisados contribuem para apoiar pesquisas no campo da Saúde do Trabalhador e da Psicodinâmica do Trabalho nos contextos de trabalho da educação.

¹ Mestranda em Psicologia e Sociedade, FCL/UNESP; Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Brasil; Programa de Pós-graduação “Psicologia e Sociedade”; Processos Psicológicos e Contextos de Desenvolvimento Humano. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0009-7076-2231>. E-mail: br.carvalho@unesp.br.

² Pós Doutora em Saúde Pública pela FSP/USP; Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Brasil; Programa de Pós-graduação “Psicologia e Sociedade”; Processos Psicológicos e Contextos de Desenvolvimento Humano. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3296-7238>. E-mail: maria.lg.schmidt@unesp.br.

Palavras-chave: Psicodinâmica do Trabalho. Trabalho Docente. Prazer e Sofrimento no Trabalho. Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT:

The Psychodynamics of Work (PDW) refers to a theoretical-methodological approach based on psychoanalytic theory, primarily developed by Dejours in the 1980s. This approach analyzes, reflects on, and intervenes in "the consequences of work on workers' mental health, namely the pleasure it generates or the suffering it causes" (Areosa, 2021, p. 321). The general aim of this article is to consolidate the results of a bibliographic search conducted in the SciELO database regarding the use of Work Psychodynamics in Brazil with public higher education professors, from 2012 to 2022, using search terms in both Portuguese and English. A total of 347 articles were found, of which 6 were selected and classified into the following categories: (1) professors' experiences of pleasure and suffering in the work context, (2) intensification and overload in teaching work, and (3) differences between prescribed work and real work, as well as subjective mobilization strategies. We believe that the results of the selected and analyzed articles contribute to advancing research in the fields of Workers' Health and the Psychodynamics of Work in educational work contexts.

Keywords: Psychodynamics of Work. Teaching Work. Pleasure and Suffering at Work. Workers' Health.

RESUMEN

La Psicodinámica del Trabajo (PDT) se refiere a un enfoque teórico metodológico basado en la teoría psicoanalítica, desarrollado principalmente en la década de 1980 por Dejours. El enfoque analiza y teje reflexiones e intervenciones sobre "las consecuencias del trabajo en la salud mental de los trabajadores, es decir, el placer que genera o el sufrimiento que produce" (Areosa, 2021, p. 321). El objetivo general de este artículo es agrupar los resultados de una investigación bibliográfica, realizada en la base de datos SciELO, sobre el uso de la Psicodinámica del Trabajo en Brasil con profesores de educación superior pública, en el período de 2012 a 2022, con términos de búsqueda en portugués e inglés. Se encontraron 347 artículos, de los cuales 6 fueron seleccionados y clasificados en las siguientes categorías: (1) experiencias de placer y sufrimiento de los docentes en el contexto laboral, (2) intensificación y sobrecarga en el trabajo docente y (3) diferencias entre el trabajo

prescrito. y el trabajo real y las estrategias de movilización subjetiva. Consideramos que los resultados de los artículos seleccionados y analizados contribuyen a sustentar la investigación en el campo de la Salud Ocupacional y la Psicodinámica del Trabajo en contextos laborales educativos.

Palabras clave: Psicodinámica del Trabajo. Trabajo Docente. Placer y Sufrimiento en el Trabajo. Salud Laboral.

INTRODUÇÃO

A Psicodinâmica do Trabalho (PDT) refere-se a uma abordagem teórico metodológica fundamentada na teoria psicanalítica, desenvolvida, principalmente, na década de 1980 e tendo como precursor Dejours (2008); Dejours (2007). Trata de uma abordagem que analisa e tece reflexões e intervenções sobre “as consequências do trabalho na saúde mental dos trabalhadores, nomeadamente no prazer que suscita ou no sofrimento que produz” (Areosa, 2021, p. 321) e que designa o estudo dos movimentos psicoafetivos gerados pela evolução dos conflitos inter e intrassubjetivos (Dejours, 2008). Assim sendo, “o trabalho não é lugar só do sofrimento ou só do prazer, mas é proveniente da dinâmica interna das situações e da organização do trabalho, das relações subjetivas, condutas e ações dos trabalhadores, permitidas pela organização do trabalho” (Mendes, 1995, p. 36).

Uchida et al. (2010) descrevem que a Psicodinâmica do Trabalho contribui para o desenvolvimento de ações transformadoras no processo laboral de saúde mental, bem como para tecer reflexões acerca da sobrecarga psíquica causada pelo trabalho, relacionada ao excesso de informações, à tomada de decisões rápidas e à falta de controle do próprio tempo.

Facas e Ghizoni (2017) concebem que, com a hiper modernização, caracterizada pelo imediatismo, rápido consumo e, principalmente, pela individualização, a organização do trabalho também sofre modificações e exige-se que o trabalhador seja ágil, aberto à rápidas mudanças, capaz de assumir riscos, dinâmico,

flexível e estratégico. Tais exigências impactam integralmente a vida do trabalhador na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho: por um lado, o trabalho apresenta-se como ponto central na vida dos indivíduos. Por outro, apresenta características precárias e degradantes para o trabalhador.

Para tanto, a Psicodinâmica do Trabalho utiliza um método específico que liga a intervenção à pesquisa, e é pautado nos princípios da pesquisa-ação, mas devido às suas características específicas é intitulada clínica do trabalho. A clínica do trabalho busca desenvolver o campo da saúde mental e trabalho, partindo do trabalho de campo e se deslocando e retornando constantemente a ele. Visa intervir em situações concretas de trabalho, compreender os processos psíquicos envolvidos e formular avanços teóricos e metodológicos reproduzíveis a outros contextos (Heloani e Lancman, 2004, p. 82).

Conde, Cardoso e Klipan (2019), tomando como base um estudo de revisão, constataram que, no Brasil, a Psicodinâmica do Trabalho “vem se firmando como referencial teórico e suporte teórico-metodológico para os estudos que visam compreender as relações dinâmicas presentes entre a organização do trabalho e os processos de subjetivação dos trabalhadores” (p. 19). Os autores identificaram, também, que os estudos brasileiros estão se destacando como referência sobre esta abordagem e apontaram a diversidade de atividades profissionais que são alvo dos estudos da Teoria da Psicodinâmica do Trabalho, tendo como maior número de pesquisas as que se referem à área da saúde.

Tendo em vista esse contexto, uma revisão da literatura focada na área educacional permite a compreensão sobre o binômio prazer e sofrimento identificados em trabalhadores que atuam como professores em diferentes Instituições de Ensino Superior Públicas.

A presente pesquisa na base de dados foi realizada de agosto de 2023 a junho de 2024, desenvolvida a partir de um estudo de revisão de literatura, com a finalidade de identificar, reunir e sistematizar múltiplas publicações sobre o tema de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do

conhecimento sobre o contexto de trabalho dos professores de Ensino Superior Público.

Essa revisão abrangeu estudos nacionais publicados entre 2012 e 2022, em português e inglês, na base de dados da Scientific Electronic Library Online - SciELO -, utilizando os descritores controlados em dois idiomas. O português: Psicodinâmica do Trabalho; Trabalho e Educação; Prazer e Sofrimento. E o inglês: Psychodynamics of work; Work and Education; Pleasure-Suffering. Os descritores foram combinados de acordo com diferentes estratégias de busca, utilizando os operadores booleanos AND e OR.

A análise dos dados foi fundamentada quanti e qualitativamente, sendo a análise quantitativa realizada mediante o número de artigos encontrados e selecionados de acordo com os critérios de exclusão e inclusão. Por sua vez, a análise qualitativa foi realizada de acordo com a classificação de tópicos que prevalecem nos artigos publicados. Na delimitação temporal, foi tomado como referência o conhecimento científico produzido no Brasil no período de 2012 a 2022, que poderá servir de base para futuras pesquisas.

Diante disso, neste estudo procuramos responder algumas questões, a saber: como a Psicodinâmica do Trabalho foi utilizada, quais os principais resultados e discussões encontradas utilizando a Psicodinâmica do Trabalho com professores de Ensino Superior Público e quais os autores de referência em pesquisas em Psicodinâmica do Trabalho na área educacional no Brasil nos últimos dez anos.

Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre 2012 e 2022, que utilizaram a Psicodinâmica do Trabalho para analisar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de professores do ensino superior público. Foram excluídos estudos de revisão, teses, dissertações e artigos repetidos. Inicialmente foi realizada uma triagem dos artigos, mediante análise dos resumos, a seguir foi feita a apreciação minuciosa das publicações pré-selecionadas e, posteriormente, houve a análise dos resultados dos artigos selecionados.

DESENVOLVIMENTO**1. Produção científica encontrada no período**

No período de 2012 a 2022 foram identificados 347 artigos. Os critérios de inclusão e exclusão descritos foram aplicados e, a partir deles, foram selecionados 6 artigos na base de dados Scielo que corresponderam à busca.

Tabela 1. Distribuição dos artigos publicados entre 2012 e 2022 segundo critérios de inclusão e exclusão.

CrITÉRIOS de exclusão e inclusão	Nº de artigos
Busca inicial	347
Estudos excluídos duplicados	52
Estudos excluídos por não atenderem aos objetivos da pesquisa	289
Amostra final analisada	6

Fonte: Os autores.

Os 6 artigos encontrados são empíricos. Foram excluídos: artigos de revisão, artigos repetidos, teses, dissertações, editoriais e artigos que não atenderam aos critérios da pesquisa.

Tabela 2. Panorama geral dos artigos selecionados que abordaram a Psicodinâmica do Trabalho em professores de Instituição Superior Pública no período de 2012 a 2022.

	Artigo analisado	Tipo de estudo	Objetivo
1	Nascimento, E. L. A. do, Vieira, S. B., & Araújo, A. J. da S.. (2012). Desafios da gestão coletiva da atividade na docência universitária. <i>Psicologia: Ciência E Profissão</i> , 32(4), 840–	Empírico	Este artigo objetiva analisar questões relativas à gestão coletiva da atividade docente no curso de Medicina de uma instituição federal de ensino superior, evidenciadas pela avaliação externa realizada pelo Ministério da Educação (MEC), e

	855. https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000400006		seu referencial teórico baseia-se nas abordagens da ergonomia e da psicodinâmica do trabalho.
2	Vilela, E. F., Garcia, F. C., & Vieira, A.. (2013). Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. Read. Revista Eletrônica De Administração (porto Alegre), 19(2), 517–540. https://doi.org/10.1590/S1413-23112013000200010	Empírico	Este artigo analisa as percepções dos professores do curso de pedagogia de uma instituição de ensino superior pública em relação ao prazer-sofrimento no trabalho docente, amparado na teoria da Psicodinâmica do Trabalho. A pesquisa foi realizada na Faculdade de Educação de uma Universidade Pública de Belo Horizonte.
3	Hoffmann, C., Zanini, R. R., Moura, G. L. de ., Costa, V. M. F., & Comoretto, E.. (2017). Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. Estudos Avançados, 31(91), 257–276. https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3191019	Empírico	Buscou-se analisar os indicadores críticos de adoecimento no trabalho segundo a percepção dos docentes da Universidade Federal de Santa Maria (RS).
4	Silva, P. M. C. da ., Souza, K. R. de ., & Teixeira, L. R.. (2017). POLÍTICA DE DESPRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE	Empírico	Este estudo teve como principal objetivo analisar a política de desprecarização do trabalho em saúde, em âmbito local, do ponto de vista de professores e pesquisadores. Para tal, efetuou-

	EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE C&T: A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES E PESQUISADORES. Trabalho, Educação E Saúde, 15(1), 95–116. https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00048		se um estudo de caráter qualitativo, elegendo-se como campo de investigação uma unidade técnico-científica de saúde localizada no estado do Rio de Janeiro.
5	Tundis, A. G. O., Monteiro, J. K., Santos, A. S. dos ., & Dalenogare, F. S.. (2018). ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO NO TRABALHO DOCENTE: UM ESTUDO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA AMAZÔNIA. Educação Em Revista, 34, e172435. https://doi.org/10.1590/0102-4698172435	Empírico	A pesquisa procurou identificar estratégias de mediação no trabalho utilizadas por docentes de Ensino Superior Público, na região amazônica. Além de aspectos positivos, dificuldades no trabalho e sugestões para amenizá-las.
6	Hoffmann, C., Zanini, R. R., Moura, G. L. de ., & Machado, B. P.. (2019). Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. Educação E Pesquisa, 45, e187263. https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945187263	Empírico	Por mediação da teoria da psicodinâmica do trabalho, o objetivo do estudo é comparar as vivências de prazer e de sofrimento entre docentes de uma IES brasileira e outra portuguesa. Configura-se em estudo de caso exploratório, de abordagem quantitativa.

Fonte: Os autores.

Dos 6 artigos selecionados, dois foram produzidos no Sul, dois no Sudeste, um no Norte e um no Nordeste, como mostra a Tabela 3.

Tabela 3. Regiões do Brasil onde os artigos foram produzidos.

Regiões de publicação	Quantidade de artigos
Nordeste	1
Norte	1
Sudeste	2
Sul	2

Fonte: Os autores.

Os resultados obtidos dos artigos empíricos foram analisados a partir das seguintes categorias: I) vivências de prazer e vivências de sofrimento de professores no contexto laboral; II) intensificação e sobrecarga no trabalho docente; III) diferenças entre o trabalho prescrito e o trabalho real e as estratégias de mobilização subjetiva.

I) Vivências de prazer e sofrimento de professores no contexto laboral

Segundo Dejours (1993), sofrimento e prazer no contexto laboral são indissociáveis, portanto, o trabalho pode propiciar vivências de prazer, ao passo que possibilita vivências de sofrimento, em uma relação dialética. Nesse sentido, os artigos apresentados se articulam acerca dessas vivências e evidenciam pontos em comum, apesar das especificidades encontradas em cada instituição apresentada.

Hoffmann et al. (2019) descreve que o sofrimento no trabalho dos professores começa quando estes não conseguem dar conta das tarefas. Além disso, fatores de prazer podem estar ligados à liberdade de expressão e realização profissional, enquanto o sofrimento pode, também, estar ligado ao esgotamento profissional e à falta de reconhecimento (Hoffmann et al., 2019). O trabalho de Vilela, Garcia e Vieira (2013) mostra que os itens valorização e reconhecimento demonstraram as menores médias, o que evidencia que, embora os docentes se

identifiquem com o trabalho que desempenham, há um prejuízo nos sentimentos de satisfação e motivação, pois o desejo de sentir que são reconhecidos pela capacidade de realizar o que lhes foi confiado não é atendido.

Os autores descrevem que o reconhecimento é capaz de transformar as vivências de sofrimento em vivências de prazer e que, nesse sentido, "o trabalho é entendido como constituinte do sujeito e central nos processos de subjetividade, devido à relação estreita que se estabelece entre a experiência na tarefa e as atividades perceptivas, sensoriais e cognitivas que se enraízam no corpo" (Vilela, Garcia e Vieira, 2013, p. 525).

A análise conjunta dos itens revela que os docentes têm orgulho pelo que fazem, identificam-se com as tarefas e se sentem realizados profissionalmente, o que gera a percepção de gratificação pessoal e de bem-estar. No entanto, revelam a percepção de que falta valorização e reconhecimento, o que faz declinar o sentimento de satisfação e de motivação. É possível, portanto, afirmar que os docentes querem se sentir valorizados pela instituição e reconhecidos pela capacidade de realizar o que lhes foi confiado (Vilela, Garcia e Vieira, 2013).

Nascimento, Vieira e Araújo (2012) pensam o trabalho docente na perspectiva de uma IES (Instituição de Ensino Superior) de Medicina, onde a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão se colocam como um desafio para os docentes, pois estes precisam dar conta de todas as tarefas, além de dar conta da prática médica em si, visto que a dedicação exclusiva dos médicos à docência é malvista até mesmo pelos discentes.

Tundis et al. (2018), descreve que o bom relacionamento e um clima favorável no contexto de trabalho geram a sensação de pertencimento e, assim, podem ser descritas como vivências de prazer.

Em seu trabalho, Hoffmann et al. (2017) sinaliza que as vivências de prazer e sofrimento docente não são percebidas da mesma forma pelo gênero masculino e feminino, ao passo que as mulheres relatam maior sofrimento quando submetidas ao

mesmo contexto de trabalho. Além disso, o esgotamento profissional e o alto custo cognitivo imposto pelo ambiente laboral se relaciona com a falta de reconhecimento no trabalho, além de sentimentos de desvalorização, injustiça e desqualificação.

O atravessamento das relações socioprofissionais também ganha espaço nas vivências de prazer e sofrimento laboral. Silva, Souza e Teixeira (2017) investigaram o cotidiano de docentes e pesquisadores em uma unidade técnico-científica de saúde localizada no estado do Rio de Janeiro. Neste estudo, sobressai a ideia da fragilidade dos vínculos, atribuída pelos autores às novas formas de organização de trabalho construídas pelo capitalismo:

No caso do estudo aqui apresentado, os trabalhadores entrevistados, tomando por base os problemas de relações interpessoais enfrentados no trabalho, ratificaram a aceitação de precarização que inclui o aspecto referente ao enfraquecimento dos laços de proximidade e solidariedade no trabalho (Silva, Souza e Teixeira, 2017, p. 103).

Além disso, os autores afirmam que a “estabilidade do vínculo laboral proporciona, inegavelmente, condições concretas e simbólicas para que seus servidores cumpram plenamente o papel de mediadores entre Estado e sociedade” (Silva, Souza e Teixeira, 2017, p. 110).

II) Intensificação e sobrecarga no trabalho docente

A Psicodinâmica do Trabalho tem como objetivo compreender de que forma os trabalhadores mantêm o equilíbrio psíquico apesar de condições degradantes de trabalho e como vivências de prazer e sofrimento no trabalho podem estar relacionadas (Facas, Machado e Mendes, 2012). Assim, sendo a sobrecarga no trabalho um fator psicossocial de risco, é imprescindível relacioná-lo às vivências dos professores de diferentes seriações e instituições, a fim de compreender de que forma esses fatores podem estar relacionados ao sofrimento psíquico no contexto laboral.

Ao descrever a atividade docente no contexto do ensino superior em uma faculdade de Medicina, Nascimento, Vieira e Araújo (2012) chamam a atenção para o

chamado produtivismo acadêmico, que se refere a um modo de produção científica que visa ao princípio mercadológico e que sobrevaloriza os resultados quantificáveis e mensuráveis. Inseridos nessa lógica, os docentes sofrem um desequilíbrio psíquico, causado pela sobrecarga. Além disso, há uma concordância com o trabalho de Vilela, Garcia e Vieira (2013), que cita que “aos poucos, o ensino vai se configurando como uma mercadoria” (p. 329).

Nesse sentido, segundo Vilela, Garcia e Vieira (2013), a intensificação da atividade docente produz a sobrecarga, principalmente - mas não só - dos trabalhadores que assumem as funções de coordenação e chefia, o que provoca esgotamento profissional:

A sobrecarga é resultante da intensificação da atividade docente, que inclui cada vez mais novas demandas, como: participação em reuniões de grupos de pesquisa; participação em reuniões técnico- administrativas; representação em órgãos colegiados; participação em reuniões departamentais e com a Direção da Faculdade; e orientação e participação em bancas de monografias e trabalhos de conclusão de curso (Vilela, Garcia e Vieira, 2013, p. 530).

Além disso, outras atividades também alimentam a sobrecarga. Entre elas: pesquisa, extensão, publicações científicas e a necessidade de lecionar em outras instituições de ensino como forma de complemento de renda (Vilela, Garcia e Vieira, 2013). Assim, segundo Nascimento, Vieira e Araújo (2012), exige-se que os docentes universitários detenham a condição de Mestre e Doutor, além da manutenção de sua produção acadêmica e que eles respeitem os princípios de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, tarefa que, muitas vezes, não encontra amparo na realidade do cotidiano docente.

Hoffmann et al. (2017) explicita em seu estudo uma divergência com relação à sobrecarga cognitiva entre homens e mulheres: para as mulheres, a sobrecarga cognitiva indica nível grave, enquanto para os homens possui nível crítico. Já com relação ao reconhecimento dos efeitos da sobrecarga na saúde, o percentual do grupo dos homens é bem maior (60%) do que o percentual de mulheres (34%),

provocando efeitos de pressão alta, cansaço, insônia e estresse. No que se refere às entrevistas, porém, a sobrecarga encontra diferenças em seu significado entre os gêneros: enquanto uma das entrevistadas relata exaustão, um dos entrevistados aborda a sobrecarga de trabalho como um fator inerente, que já está incorporado à sua rotina:

Esse resultado reafirma a distinção entre homens e mulheres quanto às percepções sobre o trabalho nas perspectivas anteriormente levantadas. Nesse contexto, ao considerar os riscos de adoecimento advindos do trabalho, as mulheres apresentaram maior vulnerabilidade em relação aos homens. Embora a sociedade tenha realizado algumas mudanças favoráveis em relação à participação das mulheres, culturalmente o cuidado com a família recai ao encargo da mulher, e esse aspecto pode ser considerado indicativo para a percepção de sobrecarga acentuada no trabalho (Hoffmann et al., 2017, p. 271).

Além da competitividade gerada pelas condições desiguais de trabalho, infere-se às mulheres a conciliação entre o trabalho e os cuidados com a família, o que reforça o contexto de sobrecarga. Assim, “o papel do gênero deve ser considerado enquanto elemento que promove distinção na percepção, avaliação e gestão dos aspectos que envolvem o trabalho e a vulnerabilidade aos riscos de adoecimento” (Hoffmann et al., 2017, p. 273).

Hoffmann et al. (2017) destaca, também, a legislação federal, que impõe aos professores parâmetros de avaliação, mecanismo que reforça o produtivismo e a consequente sobrecarga, além de corroborar na mecanização do trabalho. Silva, Souza e Teixeira (2017) ampliam essa discussão, suscitando a reflexão de que as políticas públicas educacionais mais amplas sustentam o caráter neoliberal e produtivista, ao passo que demanda dos docentes quantidade de publicações acadêmicas e, assim, distancia a ciência de sua concepção de construção coletiva. O individualismo também é reforçado, pois há um incentivo às competições que visam os resultados das produções individuais.

O processo de precarização e de sobrecarga do trabalho dos professores ante a nova organização do trabalho docente vem ocasionando um grande

sofrimento psíquico a esses trabalhadores. Assim, os docentes começam a viver sob a égide de um paradoxo angustiante: a relação de dor e prazer do ofício (Silva, Souza e Teixeira, 2017, p. 106).

O acúmulo de funções do trabalho docente também apareceu no trabalho de Silva, Souza e Teixeira (2017), evidenciando as diretrizes da nova organização do trabalho docente. Os autores mencionam a “desprofissionalização docente” como consequência de uma série de funções que os professores tomam para si, mas que não correspondem à sua função primária. Além disso, os autores afirmam que a intensificação desse trabalho pode comprometer não apenas a saúde mental dos professores como também a qualidade da educação.

Tundis et al. (2018) ocupou-se em pensar a relação laboral entre professores do Ensino Superior Público na região amazônica e constatou que a sobrecarga no trabalho é a terceira maior dificuldade enfrentada por eles, em virtude da diversidade e da quantidade de demanda: “destacaram-se nos resultados encontrados: (...) a sobrecarga de trabalho docente e a naturalização do produtivismo acadêmico” (Tundis et al., 2018, p. 13).

No estudo, o isolamento também aparece como resposta às relações socioprofissionais que encontram dificuldades. Assim, as funções assumem o caráter de fragmentação e a construção de estratégias coletivas é barrada em decorrência do não envolvimento dos trabalhadores uns com os outros. Além disso, os professores relatam que, por conta da sobrecarga, precisam levar trabalho para casa e até mesmo trabalhar aos fins de semana (Tundis et al., 2018), o que afeta diretamente a interface casa e trabalho.

Hoffmann et al. (2019) pensa em seu trabalho o custo cognitivo e a sobrecarga cognitiva e os atribui à intensificação do trabalho docente, presente na conjuntura mundial “condizentes à valorização do trabalho imaterial, inserção de novas tecnologias e nova relação entre produção e divulgação de conhecimento”

(Hoffmann et al., 2019, p. 11). Além disso, descreve uma relação direta entre a sobrecarga de trabalho e o sofrimento psíquico:

Dessa forma, percebe-se a relação ambivalente estabelecida entre prazer-sofrimento, que, de certa forma, coexistem no ambiente de trabalho. Nesse sentido, o trabalho é fonte de prazer quando favorece a valorização e reconhecimento pela tarefa executada e propicia ao trabalhador liberdade de adequar-se à organização do trabalho, conforme seu desejo e necessidades. Por outro lado, passa a ser fonte de sofrimento, na medida em que a relação entre sujeito e trabalho está bloqueada em que há sobrecarga ou subutilização das faculdades intelectuais, psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação, levando ao sofrimento (Hoffmann et al., 2019, p. 12).

Além disso, a sobrecarga possui uma relação com o esgotamento profissional, bem como a frustração, a insegurança e o estresse laboral (Hoffmann et al., 2019). Hoffmann et al. (2019), aborda a sobrecarga pensando a conjuntura mundial.

Assim, sendo a sobrecarga no trabalho um fator de risco para o sofrimento mental entre os professores, abordaremos as estratégias de mobilização subjetivas a qual estes recorrem para mitigar o sofrimento no trabalho.

III) Diferenças entre o trabalho prescrito e o trabalho real e as estratégias de mobilização subjetiva

De acordo com a Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho não assume em sua totalidade as características de seu planejamento, visto que em sua execução podem acontecer eventualidades e constrangimentos, que demandam do trabalhador mobilização subjetiva para que estes possam executar suas tarefas. Assim, o trabalho prescrito não é, em sua totalidade, igual ao real (Louzada e Oliveira, 2013).

A distância existente entre o trabalho prescrito e o trabalho real pode culminar em sobrecarga e ser uma causa potencial de adoecimento psíquico. Desse modo, os trabalhadores pensam e vivem as chamadas estratégias de mobilização subjetivas, a fim de transformar o sofrimento no trabalho. A mobilização subjetiva

constitui-se como um processo que pode se utilizar tanto de deliberações de um espaço de discussões acerca do trabalho quanto dos recursos psicológicos dos trabalhadores e sua capacidade criativa (Dejours, 1999).

Além disso, o custo cognitivo, como descrito no trabalho de Hoffmann et al. (2019), também aponta para a necessidade da criação de estratégias coletivas, a fim da preservação da saúde no trabalho docente:

Quanto à perspectiva interinstitucional, destaca-se o custo cognitivo, avaliado em nível grave e agrupado no primeiro cluster, reunindo a IES brasileira e portuguesa; e o custo físico agrupado no segundo cluster, avaliado em nível crítico. Esses resultados transcendem os contextos locais e podem referir-se à categoria profissional relacionada à docência no magistério superior, pertencente ao trabalho imaterial, cuja alta demanda cognitiva atinge nível grave (Hoffmann et al., 2019, p.16).

No estudo de Vilela, Garcia e Vieira (2013) que analisa um curso de Pedagogia, os autores demarcam dificuldades advindas da falta de organização coletiva entre os docentes:

Os professores da instituição não têm organização sindical própria, existindo apenas reuniões esporádicas para tratar de questões específicas que afetam a categoria, o que limita ou inibe a liberdade de expressão, “não porque haja censura ou boicote, mas porque num ambiente de trabalho permeado por insegurança profissional as manifestações pessoais devem ser dosadas e medidas, pois o risco de perder o emprego é sempre iminente” (Vilela, Garcia e Vieira, 2013, p. 529).

Segundo o estudo de Nascimento, Vieira e Araújo (2012), a autonomia entre os docentes e os departamentos muitas vezes corrobora em dificuldades no que se refere a um projeto coletivo, além do sentimento exacerbado de individualismo e fragmentação.

Nesse sentido, as discussões em grupo podem transformar-se tanto em importantes deliberações, quanto em espaços de escuta que potencializam os sentimentos de pertencimento, compartilhamento e compreensão entre os trabalhadores. Nascimento, Vieira e Araújo (2012) descrevem a importância nesses encontros para o despertar dos docentes para a necessidade de repensar sua

atividade, a fim de que esta se realize em um processo de construções efetivas do trabalho, com ênfase na coletividade e na cooperação.

No entanto, nem sempre esse processo resulta na resolução efetiva dos problemas gerados pelo ambiente de trabalho. Tundis et al. (2018) descreve em seu estudo como a dificuldade com o baixo número de docentes em atividade colocou-se como barreira para a execução de tarefas em uma universidade da Amazônia. Neste caso, a mobilização subjetiva encontrou-se na capacidade dos professores tolerarem o sofrimento e investir em tentativas até chegar a uma solução.

A deficiência dessas estratégias, no entanto, pode acarretar danos ligados à saúde do trabalhador, pois, como explicita Hoffmann et al. (p.269, 2017) “verifica-se maior vulnerabilidade dos docentes em apresentar danos físicos. Isso decorre da subutilização de estratégias defensivas e falta de cooperação para enfrentar a exposição aos fatores que causam sofrimento e culminam no adoecimento.” Silva, Souza e Teixeira (2017) explicita que “durante as entrevistas, sobressaiu a ideia de fragilidade dos vínculos de proximidade e das relações de trabalho como uma forma de precarização laboral” (p. 103), o que evidencia uma dificuldade de alinhamento entre os docentes, prejudicando, inclusive, possibilidades de criação de estratégias coletivas de enfrentamento.

Nascimento, Vieira e Araújo (2012) descrevem que o fato de o engajamento profissional da instituição estudada estar aquém do esperado dificulta a consolidação dos coletivos. Assim, os laços de cooperação entre os docentes também encontram prejuízo.

Por fim, é possível compreender que, ainda que com as dificuldades interpostas, as estratégias de mobilização subjetiva, sejam elas individuais ou construídas coletivamente, atuam como uma reação dos trabalhadores às situações de sofrimento vivenciadas no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere à proposta deste estudo, o objetivo geral foi alcançado por meio da análise de dados obtidos na base de dados Scielo, a partir da identificação de publicações que utilizaram a abordagem teórico-metodológica da Psicodinâmica do Trabalho com docentes do Ensino Superior Público no Brasil, no período de 2012 a 2022.

Todos os artigos analisados relacionam sofrimento e prazer no trabalho. Pela Psicodinâmica do Trabalho, essa relação é dialética: o prazer surge ao cumprir as tarefas, enquanto o sofrimento decorre, em geral, da falta de reconhecimento, esgotamento e sobrecarga. O sofrimento no trabalho pode, muitas vezes, corroborar até mesmo com o adoecimento orgânico. Entre os principais diagnósticos, podemos citar gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse e síndrome do esgotamento profissional - burnout (Vilela, Garcia e Vieira, 2013).

Na tentativa de transformar o sofrimento em prazer no trabalho, professores recorrem a estratégias de mobilização subjetiva para enfrentar as dificuldades como desafios. Contudo, tais estratégias nem sempre são eficazes, sobretudo quando a organização do trabalho dificulta a ação coletiva, intensificando o sofrimento psíquico. Assim, o que muitas vezes é chamado de “autonomia” pode significar a “dispersão, a individualização, a perda de foco, com consequências deletérias na saúde (mental) e na produtividade e qualidade do trabalho” (Nascimento, Vieira e Araújo, 2012, p. 848).

Dejours (1993) destaca a importância de espaços de diálogo, inclusive com as chefias, para buscar alternativas às falhas da organização do trabalho. No estudo de Nascimento, Vieira e Araújo (2012), os autores apontam a necessidade de os docentes discutirem as novas exigências da prática médica, rompendo com paradigmas anteriores.

Outro item que foi identificado em todas as pesquisas diz respeito a sobrecarga de trabalho, um fator psicossocial de risco, que pode acarretar um desequilíbrio psíquico (Pereira et al., 2020). Diversos fatores contribuem para a sobrecarga dos trabalhadores da educação superior pública, como o acúmulo de funções, a dupla jornada feminina, o aumento do ritmo de trabalho, dificuldades interpessoais e o desvio de função. Soma-se a isso a mercantilização do conhecimento, que submete a produção científica à lógica acelerada do capital nas novas formas de organização do trabalho.

Como limitações da pesquisa, uma das hipóteses é a de que o tema em questão pode estar publicado em periódicos não indexados ao Scielo. No entanto, considerando a representatividade dos artigos selecionados, compreendemos que o conteúdo responde ao tema pesquisado.

Consideramos que os resultados dos artigos selecionados e analisados contribuem para apoiar pesquisas no campo da Saúde do Trabalhador e da Psicodinâmica do Trabalho nos contextos de trabalho da educação.

AGRADECIMENTO

Agradeço à PROPe (Pró-Reitoria de Pesquisa) pela concessão de bolsa de Iniciação Científica PIBIC (Edital 09/23).

REFERÊNCIAS

AREOSA, J. Ensaio sobre psicodinâmica do trabalho. **Revista Katálisis**, v. 24, n. 2, p. 321–330, 2021.

BRITO, J. et al. Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 589–605, 2014.

CASADORE, M.M. Psicodinâmica do Trabalho. In: SCHMIDT, M.L.G. (org). **Dicionário temático de saúde/doença mental no trabalho: principais conceitos e terminologias**, São Paulo, FiloCzar.

CONDE, A. F. C.; CARDOSO, J. M. M.; KLIPAN, M.L. Panorama da psicodinâmica do trabalho no Brasil entre os anos de 2005 e 2015. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 12(1), 19- 36, 2019.

DEJOURS, C.; DESSORS, D.; DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**, v. 33, n. 3, p. 98–104, 1993.

DEJOURS, C. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: **FGV Editora**, 1999.

DEJOURS, C. Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S.; Sznclwar, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: Da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2008.

DEJOURS, C. Prefácio. In: Mendes, A. M. (Org.) **Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

FACAS, E. P.; GHIZONI, L. D. Trabalho como estruturante psíquico e sócio político em tempos de hipermodernidade. **Trabalho (En)Cena**, 2(2), 1–2, 2017.

FACAS, E.; MACHADO, A. C. A.; MENDES, A. M. B. A negação do saber operário no trabalho automatizante: análise psicodinâmica do trabalho de pilotos de trem de metrô do Distrito Federal. **Revista Amazônica**, v. 9, p. 44–68, 2012.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Production**, v. 14, n. 3, p. 77–86, 2004

HOFFMANN, C. et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 91, p. 257–276, 2017.

HOFFMANN, C. et al. Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. **Educação e Pesquisa**, v. 45, p. e187263, 2019.

LOUZADA, R. S. M. L.; OLIVEIRA, P. D. T. R. D. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa em psicodinâmica do trabalho. **Revista do NUFEN**, v. 5, n. 1, p. 26–35, 2013.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 15, n. 1-3, p. 34–38, 1995.

NASCIMENTO, E. L. A. do.; VIEIRA, S. B.; ARAÚJO, A. J. da S. Desafios da gestão coletiva da atividade na docência universitária. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 4, p. 840–855, 2012.

PEREIRA, A. C. L. et al. Fatores de riscos psicossociais no trabalho: limitações para uma abordagem integral da saúde mental relacionada ao trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 45, p. e18, 2020.

SILVA, P. M. C. da.; SOUZA, K. R. DE.; TEIXEIRA, L. R. POLÍTICA DE DESPRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE C&T: A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES E PESQUISADORES. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 15, n. 1, p. 95–116, 2017.

TUNDIS, A. G. O. et al. ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO NO TRABALHO DOCENTE: UM ESTUDO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA AMAZÔNIA. **Educação em Revista**, v. 34, p. e172435, 2018.

UCHIDA, S.; LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. Contribuições da Psicodinâmica do Trabalho para o desenvolvimento de ações transformadoras no processo laboral em Saúde Mental. In: Glina, D. M. R.; Rocha, L. E. (org). **Saúde mental no trabalho: da teoria à prática**. São Paulo. Editora Roca Ltda, cap. 10, p. 191-209, 2010.

VILELA, E. F.; GARCIA, F. C.; VIEIRA, A. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **REAd. Revista Eletrônica de Administração** (Porto Alegre), v. 19, n. 2, p. 517–540, 2013.

Data da submissão: 12/03/2025

Data do aceite: 19/06/2025